



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Relatos da luta: g?nero, humilha??o e ativismo em uma associa??o de familiares de presos

Autoria: Nat?lia Bou?as do Lago

O work discute a atua??o de uma associa??o de familiares e amigos de presos chamada Amparar. Localizada em S?o Paulo, a associa??o ? coordenada por Railda Silva, cuja trajet?ria ativista teve in?cio na priva??o de liberdade de seu filho na antiga Febem e, posteriormente, no sistema prisional. A etnografia se desenvolve nas atividades da associa??o e no acompanhamento das articula??es mobilizadas por essas atividades. O work da Amparar se insere em um emaranhado institucional que inclui organiza??es n?o-governamentais e institui??es p?blicas que produzem tanto um Estado violador quanto um Estado a quem se reivindica direitos e garantias. Se o discurso da associa??o aciona a pris?o e a pol?cia como partes de um Estado violador, organiza??es estatais como a Defensoria P?blica fazem parte de um Estado a quem se reivindica e se pressiona por encaminhamentos e den?ncias. Estado ? aqui, uma categoria nativa que organiza e direciona as interlocu??es produzidas por Railda e pela Amparar. As narrativas das familiares que se articulam por meio da associa??o falam sobre as situa??es impostas a quem lida com a pris?o desde o lado de fora, atravessando-a, mas tamb?m contam sobre situa??es vivenciadas pelos maridos e filhos presos. A dimens?o profundamente relacional do lugar ocupado por essas mulheres e seus relatos se inscreve na linguagem de g?nero. Afinal, nos espa?os que ocupam ? tais como reuni??es com defensores p?blicos, debates e mobiliza??es sobre pris?es ? elas s?o familiares (de presos): pessoas que n?o est?o presas, mas que lidam com a institui??o prisional e se movimentam atrav?s dela e de seus dispositivos ? a espera nas filas, os procedimentos de entrada e sa?da das pris?es, a emiss?o de documentos. Com efeito, ainda que g?nero n?o seja sin?nimo para mulheres, nesse contexto o lugar ocupado pelas familiares ? eminentemente feminino. Por fim, a profus?o de institui??es com as quais a Amparar produz interlocu??o comp?e o Estado que ? denunciado e ao mesmo tempo receptor das narrativas. A Amparar e as familiares d?o nome e corpo ?s den?ncias, e identificam viol?ncias e humilha??es perpetradas n?o s?o em seus corpos, mas no de seus maridos e filhos privados de liberdade. G?nero e sexualidade s?o linguagens que permitem a identifica??o



dessas violações e que contribuem para que as mulheres produzam um lugar de mediadoras e relatoras de eventos ocorridos no interior das prisões.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

